R. P. L. 267

Quadros da Revolução

Fuga da Familia Real — Embarque na praia da Ericeira na tarde de 5 de Outubro de 1910

D. Maria Pia — 1.º tenente João Azevado Coutinho — Marquez do Fayal — D. Maria de Menezes — Tenente Feijó Teixeira

Vista da praia da Ericeira — D. Manuel II — D. Amelia d'Orleans — Yacht «Amelia»

D. Affonso — Conde de Sabugosa — Antonio Waddington — Condessa de Figueiró — Serrão Franco

O terror que empolgou D. Manuel logo aos primeiros ribombos do canhão, mais ainda d'elle se apossou ao ruido do desabamento de uma das torres do palacio, que fôra attingida por uma granada do *S. Raphael*.

Pallido e a tremer de medo, foge para um gabinete no extremo do palacio, onde outr'ora seu pae costumava dar recepção a certas visitas secretas.

O pavilhão real que fluctuava no paço fôra derrubado por bala certeira. Os poucos aulicos que rodeiam o régio mancebo estão, como elle, aterrados.

Telephonam para uma *garage* a pedir um automovel.

A cada novo estrondo da artilharia, o rei estremece. Nem um gesto, nem uma phrase de energia. Resa e invoca a Senhora da Conceição...

O marquez de Fayal e o coronel Waddington, os mais animosos da companhia, ora vão ao telephone, ora espreitam pela janella.

—Chegou!—diz emfim o conde de Sabugosa, mestre de cerimonias.

Apressadamente, fogem para a tapada; transbordam os muros com o auxilio de uma escada de mão, e eilos juntos do almejado automovel. Fayal toma o guiador; D. Manuel occulta-se na caixa do vehiculo. Junto d'elle segue o conde de Sabugosa. Atraz uma escolta de cavallaria da municipal. E lá foram a caminho de Mafra, a uns bons 60 kilometros á hora, não sem que uma granada da artilharia da Rotunda lhes não pregasse um susto, quando seguiam pela estrada do Carvalhão, e a certa altura uma *pane* que lhes atrazou um pouco a marcha.

Entretanto, no castello da Pena e no paço de Cintra, onde se encontravam, respectivamente, as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, a anciedade era terrivel. Das Necessidades haviam telephonado diversas vezes para a Pena.

D. Maria Pia, que tambem fôra avisada, interrompeu o almoço, que mal principiára, e fez-se transportar até á Pena, a reunir-se a sua nora.

As horas iam decorrendo; as noticias eram cada vez mais desanimadoras. O canhão continuava a troar na capital.

D. Amelia, sabedora da partida do filho para Mafra, segue para ali, na companhia de D. Maria de Menezes, condessa de Figueiró e Vasco Belmonte. Acompanha seu filho até ás 11 da noite e volta a Cintra a falar com sua sogra.

Cerca das duas da madrugada, a campainha do telephone retinia de novo; D. Amelia estremece e, erguendo-se pallida, accode ao apparelho. Alguem de Cascaes lhe participa que D. Affonso já não estava na cidadella.

Onde estaria... E a noite angustiosa decorria lenta e acabrunhadora.

Pelas 8 da manhã o telephone alvorocava-os de novo. O tio de D. Manuel havia embarcado no *yacht Amelia*. Que destino levaria? Tudo incertezas...

Durante a noite fôra accordado entre as duas rainhas e as pessoas do seu sequito partirem de manhã para Mafra. Assim fizeram. D. Maria Pia subiu á frente, em companhia da marqueza de Unhão e conde de Mesquitella; pouco depois D. Amelia com a comitiva que a acompanhava de vespera.

No convento eram aguardados por D. Manuel, cuja physionomia patenteava bem o seu completo desalento. Rodeavam-no os mesmos individuos que o tinham acompanhado na fuga e mais o capitão de fragata Vellez Caldeira, o professor Kerausch e o dr. Mello Breyner. D. Manuel, ao vêr sua mãe, cahiu-lhe nos braços e durante alguns segundos esteve a ella abraçado e chorando.

Encontravam-se todos reunidos n'uma das salas do convento, quando chegou João d'Azevedo Coutinho, que levava a mais desoladora de todas as noticias: por toda a parte fluctuava a bandeira verde e encarnada da Republica. Paiva Couceiro e a sua artilharia tinham batido em retirada, vencidos pelos revolucionarios. Nada havia a esperar, restava-lhes apenas fugir.

D'ahi a alguns minutos um telegramma do quartel general, assignado pelo general Carvalhal, mandava içar o pavilhão republicano no palacio de Mafra.

Sempre era verdade!... Varios telegrammas recebidos durante a noite, dando quasi certo o triumpho das tropas monarchicas, foram enganadores.

O cruel despacho passou de mão em mão e foi lido com avidez por todos os assistentes, inclusive D. Manuel, que se quiz certificar bem do combrendo.

Durante o almoço, quasi se não pronunciou palavra. Aquellas physionomias mortalmente pallidas, interrogavam-se em olhares de inquietação. Recebe-se a noticia de que D. Affonso chegára á Ericeira a bordo do *Amelia*, Jorge Bleck e José Sabugosa chegam e contam que o governo revolucionario lhes preparára a fuga e o *Amelia* sahira de noite para receber na Ericeira a familia real deposta. D. Affonso tinha embarcado em Cascaes com o seu ajudante de campo e conde da Ponte.

Eram cerca de duas e meia da tarde de 5 de Outubro. O tempo urgia. Era preciso partir quanto antes, no que todos estavam concordes, excepto D. Maria Pia, que obtemperava seria melhor esperar ordens do governo, fosse elle monarchico ou republicano. As suas palavras, porém, não encontraram echo e quasi que a olhavam como uma louca. E, tranzidos de panico, sahiram todos do palacio a tomar logar nos automoveis, seguindo para a Ericeira, escoltados por um esquadrão da Escola Pratica de Cavallaria, sob o commando do capitão Cunha.

Ao subirem para as carruagens, D. Amelia, no seu habitual modo auctoritario, dirigindo-se aos da comitiva, exclama: *Agora si vão commigo hei que me fôram sempre fieis*—e fazendo menção de dar logar á sua antiga e intima amiga D. Josepha Sandoval, conclue—*entre Figueiró!*—E partiram.

Ainda não tinham soado as tres horas quando chegaram a Ericeira. D. Manoel acompanhado de Fayal, Waddington, conde de S. Lourenço, tenente Feijó Teixeira e Vellez Caldeira, que ia assumir o commando do *yacht*; D. Amelia na companhia dos condes de Galveas e Sabugosa e D. Maria de Menezes; D. Maria Pia com a condessa de Figueiró, João de Mendonça e Ernesto de Menezes. A fechar o cortejo um automovel com quatro creados da casa real com algumas provisões. Apeiam-se e seguem a caminho da praia.

A tarde é de trovoada. As nuvens acizentadas encobrem o sol. De quando em quando, ouve-se o ribombar longinquo do trovão, como que similando o troar do canhão inimigo, e o clarão de relampagos illumina por vezes sinistramente os nimbos que se encastellam no horisonte sombrio. O murmurio tristonho das vagas quebrando-se nos rochedos semelha uma orchestra de gemidos e soluços.

Uma brisa humida como que arrefece ainda mais o quadro terrivelmente frio para as almas desalentadas que vão seguir para o exilio.

Ao largo, em frente da praia, o *Amelia* balança-se ao sabor das ondas.

Em terra alguns pescadores, por ordem do tenente Bensabat, capitão do porto, e a pedido de Serrão Franco, aprestam barcos para conduzir os expatriados ao *yacht*. Nas arribas o povo agglomera-se, silencioso, para assistir ao triste espectaculo. Vão-se approximando os fugitivos. Ouve-se apenas, quasi confundindo-se com o barulho do mar, o murmurio da multidão que se move para os vêr, porem, não são attendidas e, no momento da largada cahem ambas ao mesmo tempo, ficando sentadas no fundo do bote, posição em que se conservaram até chegarem ao *yacht*. Durante a curta viagem reinou o mais profundo silencio.

Eram cêrca de 4 horas. A noite avisinhava-se. O *Amelia* accende os pharoes e d'ahi a pouco levanta ferro e leva para o exilio a ultima vergonta dos Braganças, que por tantos annos tripudiaram em Portugal.

Durante a noite, ao longe, no meio da escuridão, foram vistos da praia os pharoes de um navio que pairava no oceano, e n'um ponto da costa, que se não poude precisar, mas que parecia ser a Praia das Maçãs, umas fogueiras que arderam durante algumas horas. Que seria? Teria o *Amelia* permanecido durante a noite á vista da costa em communicação com alguem amigo que lhe fazia signaes, na esperança ainda de um possivel retorno? Se assim foi, bem depressa as illusões se desfizeram. Do 3 dias depois regressava ao Tejo, vindo de Gibraltar, onde desembarcára os exilados, o *yacht Amelia* com o pavilhão da Republica arvorado, o mesmo que por todo o paiz era acclamado no meio dos mais enthusiasticos gritos de «Viva a Republica»!

Reservados os direitos de reproducção.

Editor: José Henriques Moreira.

Officinas da «Illustração Portugueza»
Rua do Seculo, 43 — LISBOA